

Wanderley Pozzembom

Vento faz madrugada parecer ainda mais fria

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Na madrugada de ontem, os termômetros espalhados por Brasília não se entenderam. Alguns marcavam 12 graus, outros 13 e até 14 graus. Mas quem não entendeu mesmo nada foi quem acordou de madrugada para trabalhar. Ou quem dorme nos bancos frios da cidade.

"O frio dói na alma da gente", confessou a ex-babá Rosicléia Augusto da Cruz, 25 anos, que dormia às 5h40 em um banco de madeira quebrado na Rodoviária do Plano Piloto. Expulsa de casa há dois meses pela mãe adotiva depois de uma briga, Rosicléia trocou uma casa humilde de dois cômodos em Taguatinga pela vida nas ruas.

Enrolada em velhos e puídos cobertores que conseguiu com os amigos recém-conquistados pelas ruas, ela não disfarçava o incômodo causado pelo frio de ontem. "Desde que saí de casa, hoje (ontem) foi a noite que mais senti frio. O vento parece entrar nos ossos da gente", reclamou.

COMPARAÇÃO

Segundo o Instituto de Meteorologia (Inmet), ontem a temperatura mínima na madrugada chegou a 13,4 graus, superior ao dia 29 de maio, que registrou 12,1. Mas a sensação de frio que "parece doer na alma" sentida por Rosicléia tem uma explicação.

A meteorologista Odete Chiesa disse que o frio mais intenso sentido na madrugada de ontem foi causado pelo vento proveniente de uma alta polar que se formou no Oceano Pacífico. "O vento rouba o calor do corpo e, por isso, achamos que a temperatura está mais baixa do que parece", destaca.

Para a madrugada de hoje e amanhã, Odete Chiesa adianta que a temperatura deverá baixar ainda mais, podendo chegar a 11 graus. Mas há um consolo. De acordo com a meteorologista, as madrugadas do fim de semana prometem ser mais quentes. "A temperatura deverá aumentar e chegar aos 15 graus", prevê.

Mas a onda de frio não acabou. No dia 23, começa oficialmente o inverno. Neste mês e até o fim de julho deverá haver mais ondas de frio em Brasília. "Pode ser que em alguns dias destes meses a temperatura caia para oito graus", calcula.

FRIO E MISÉRIA

Indiferentes às explicações meteorológicas, os migrantes sem abrigo em Brasília e mendigos que moram na Rodoviária só sabiam dizer que nunca sentiram tanto frio como ontem.

Dormindo em cima de papeões e improvisando qualquer pedaço de jornal para cobrir o corpo, eles se juntaram em uma só ala da Rodoviária e tentavam se aquecer com o calor dos corpos vizinhos. Crianças, adultos, velhos e recém-nascidos. Cerca de 30 pessoas se acotovelaram no espaço. Qualquer pedaço de pano se transformou em cobertor.

Até uma velha calça de tergal surrada foi usada por um dos migrantes para cobrir as pernas. Redes viraram perfeitos lençóis



Para quem dormiu nas ruas, valeu de tudo para se proteger do frio, desde jornais a trapos velhos

que davam para enrolar até cinco pessoas da mesma família.

"Junta o frio do céu e a friagem do chão aí a gente não suporta", reclamava o migrante Edmilson Matos de Oliveira, 30 anos, que chegou de São Paulo e está há quatro dias na Rodoviária com a esposa Maria, grávida de cinco meses. O sergipano Luís Ricardo Souza Aguiar, 31 anos, há duas semanas chegou do Mato Grosso com a família à procura de trabalho. A mulher dele, grávida, teve o bebê ontem no Hospital da Asa Norte.

No lugar de uma casa e trabalho, Luís Ricardo encontrou o chão duro da Rodoviária e muito frio. "Só tô esperando minha mulher sair do hospital para voltar para Sergipe. Não quero morrer de fome e de frio aqui em Brasília", sentencia.

TRABALHO E LAZER

Por opção, mesmo com o frio e o forte vento da madrugada de ontem, algumas pessoas saíram de casa e foram fazer o tradicional cooper. No Eixão Rodoviário Norte, às 6h30, o piloto de avia-

ção comercial, Marco Polo da Silva, de 23 anos, praticava sua corrida.

"Hoje (ontem) realmente está mais frio, mas não isso não me impede de correr", disse. "Depois de dois minutos, a gente esquenta", afirma ele, que jura correr cinco quilômetros todos os dias, "com ou sem frio".

O casal Jorge e Elza Ribeiro Coelho, apesar de não faltar ao cooper, mudou seu horário. Pularam da cama com disposição e às 7h foram ao Parque da Cidade praticar cooper. "Normalmente, chegamos aqui às 6h, mas hoje, com o frio, não tivemos muita coragem para chegar mais cedo", confessa Elza.

Opção para uns, pura obrigação para outros. É o caso de quem teve que acordar cedo para trabalhar ou de quem nem mesmo dormiu. O dever falou mais alto.

Os soldados do Exército Claudinei Henrique de Menezes, 18 anos, e Edson Júnior de Oliveira, 19, sentiram, literalmente na pele, o frio da madrugada de ontem.

Trabalhando na segurança do

Palácio do Planalto, em sistema de revezamento — a cada duas horas, descansam quatro — os dois congelaram na porta do palácio.

"Nariz, orelhas e mão ficam gelados", disse Claudinei. "Para aguentar o frio, a gente fica andando de um lado para o outro. Se ficar parado...", conta Edson, que diz ter piorado de um resfriadinho com o vento que pegou na madrugada.

O pedreiro Lázaro Lourenço, de 41 anos, era um dos inúmeros encapuzados de ontem na Rodoviária do Plano Piloto. Além do casaco com capuz, ele não esqueceu das luvas.

Morador da Agrovila São Sebastião, Lourenço trabalha no Gama. "Acordei hoje (ontem) às 4h45, tava tudo gelado", conta. "Prá esquentar, só um cafezinho bem quente na Rodoviária", ensina.

Sem tomar banho "por falta de coragem", o vendedor de verduras da Ceasa Daniel Lima, 19 anos, congelava no ponto de ônibus na Ponte do Bragueto. "Já foi difícil acordar, tomar banho, nem pensar", confessou.